

Mudanças de enquadre e *footing* em respectivas falas-em-interação social de abusador e vítima

Changes of frame and footing in respective social talks-in-interaction of abuser and victim

Jean Ignacio Lima

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

prof.jeanignacio@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6365-8067>

RESUMO

A partir do aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Interacional - SI (Ribeiro; Garcez, 2013) e (Gumperz, 2020), este escrito visa a investigar a organização da interação entrevistador-vítima e entrevistador-abusador quanto às denúncias e acusações de abusos sexuais cometidos por João de Deus. Mobilizando conceitos fundamentais da SI, como enquadre e *footing*, a investigação interacional é composta de dois trechos transcritos de duas reportagens distintas, reunidas em um mesmo vídeo¹ intitulado “Vídeos da Década de 2010”. Apoiando-se na análise das interações das quais médium e vítima participam em suas respectivas entrevistas, frente à dinâmica da coconstrução interacional, a autodefesa de João de Deus, na época da pré-condenação, já se punha à prova.

Palavras-chave: Sociolinguística interacional; Fala-em-interação; Entrevistas.

ABSTRACT

Based on the theoretical-methodological contribution of Interactional Sociolinguistics - SI (Ribeiro; Garcez, 2013) and (Gumperz, 2020), this paper aims to investigate the organization of the interviewer-victim and interviewer-abuser interaction regarding complaints and accusations of sexual abuse committed by João de Deus (John of God). Mobilizing fundamental concepts of IS, such as frame and footing, the interactional investigation consists of two excerpts transcribed from two different reports, found in the same video entitled “Videos of the 2010 Decade”. Based on the analysis of the interactions in which medium and victim participate in their respective interviews, due to the co-construction of the interactional event, João de Deus's self-defense, in the pre-conviction period, was already being put to the test.

Keywords: Interactional sociolinguistics; Talk-in-interaction; Interviews.

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LXmAVkOMlic>>. Acesso em: 15 dez. 2023.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, objetiva-se mapear as pistas de contextualização da fala-em-interação de Camila – em entrevista concedida ao programa brasileiro de reportagem “Fantástico” – e de João de Deus – ao programa australiano “60 minutes”. A partir da análise das interações, pelo escopo da Sociolinguística Interacional (Ribeiro; Garcez, 2013) e (Gumperz, 2020), bem como pelos estudos de sistemáticas de tomada de turnos propostos por Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974] 2003), observam-se a organização do relato de abuso sofrido por Camila e a réplica do abusador por meio da fala-em-interação em entrevistas de programas de televisão distintos.

São de conhecimento nacional e internacional, atualmente, os crimes cometidos pelo médium brasileiro João de Deus. Aqueles relacionados a abusos sexuais, especialmente, tiveram grandes repercussões pelas mídias afora. As denúncias começaram a ser formalizadas em 1973, porém o médium foi condenado pelos seus crimes somente em 2019.

Suas vítimas eram mulheres (de menor idade até 60+ anos²) que optaram pelo silêncio por autoproteção e, só a partir do encorajamento ao verem outras se manifestando publicamente, os números de denúncias formalizadas de abusos sexuais se apresentaram exponencialmente. Camila, na época, tinha 16 anos de idade e foi abusada na presença de Augustinho, seu pai, que não pôde fazer nada sob pressão da cura não se concretizar, caso ele observasse o procedimento. Então, durante o abuso, Augustinho permaneceu no local, mas de costas.

Esta investigação parte da hipótese de que, em relação ao alinhamento requerido pelo enquadre proposto de entrevista, há atravessamentos de diferentes alinhamentos (*footing*) por parte dos entrevistados. Contudo, somente em uma das interações, a ocorrência de traços de mais de um *footing* em interação implica a não concretização do evento de fala.

Frente a passagens consentidas de turno, um dos participantes o abandona e se alinha ao *footing* de “agressor”, atacando verbalmente seu interlocutor e rompendo com

² Reportagem acerca do caso João de Deus, com a descrição etária das vítimas, tipos de abusos e alguns breves relatos. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/especiais/abusos-da-fe-or-um-ano-do-caso-joao-de-deus>>. Acesso em: 01 set. 2024.

a coconstrução. Logo, o ato interacional não se conclui, pois essas transgressões violam a etiqueta interacional e o contrato demandados pelo evento de fala entrevista.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, objetiva-se abordar alguns conceitos basilares da SI (Sociolinguística Interacional) que dão subsídios ao tratamento das interações as quais se propõe esta investigação. Abordam-se, portanto, noções acerca de evento de fala, de organização da fala-em-interação institucional, de etiqueta interacional, de esquemas de conhecimento e de pistas de contextualização, assim como enquadre e *footing*.

Pode-se considerar que a SI (Sociolinguística Interacional) se inclina aos estudos da diversidade linguística pela perspectiva da competência comunicativa. Ela é relativa às questões interacionais da comunicação; enquanto a competência gramatical, às características estruturais da língua. Interessa à SI observar como as interações entre dois ou mais atores podem ser descritas e sistematizadas em análises que têm por objetivo:

(...) mostrar como os indivíduos que participam em tais interações usam a fala para alcançar seus objetivos comunicativos em situações de vida real, concentrando-se no processo de atribuir sentido e nas assunções tácitas que subjazem a negociação de interpretações compartilhadas (Gumperz, 2020, p. 81, grifos nossos).

Gumperz (2020) revalida a fala de Hymes (1974) sobre a competência gramatical enfocada nos estudos sociolinguísticos, no período após a II Guerra Mundial, quando este sustenta críticas sobre a incapacidade de oferta de testes empíricos, na época, sobre a hipótese de Sapir-Whorf quanto à relação entre linguística e variabilidade social, histórica e cultural. Segundo Hymes (1974), os estudos de interface língua-sociedade se enviesavam pela perspectiva estrutural, e não contemplavam a dimensão discursiva-interacional da comunicação.

Com a consolidação da Sociolinguística Variacionista questões acerca de variação e mudança tornam-se objetos de estudo, cujos esforços se direcionam para a observação de fenômenos sociais nos eixos estruturais da língua. Embora a perspectiva se proponha a considerar a influência de certas ocorrências de cunho social no sistema linguístico, são

privilegiados, ainda, os trabalhos descritivo e analítico direcionados pela competência gramatical, conforme aponta Hymes:

A principal issue is the relation seen between structure and freedom, or, from another point of view, between structure and human nature. To put it in grossly simplified form: in seeking structure, Saussure is concerned with the word, Chomsky with the sentence, the ethnography of speaking with the act of speech (Hymes, 2010 [1974], p. 90).

Pelas palavras de Gumperz (2020), Hymes

clamou por novas abordagens analíticas que respondessem tanto por funções quanto por estruturas. Para serem empiricamente replicáveis, argumentou ele, as pesquisas devem focar em situações específicas de fala, definidas como eventos de fala culturalmente estruturados e interacionalmente constituídos, em vez de procurar explicar a fala como diretamente refletindo as normas, as crenças e os valores das comunidades tratadas como conjuntos estruturais hipoteticamente homogêneos e descorporificados (Gumperz, 2020, p. 81, grifo nosso).

A partir dos parâmetros ressaltados acima, a SI molda suas perspectivas de pesquisa, situando suas investigações em interações heterogêneas e corporificadas em eventos reais de fala entre dois ou mais atores. Ressalta, portanto, seu real interesse pela sistematização e pela organização da fala-em-interação praticada em determinadas situações de comunicação.

Considera-se evento de fala tipos de interações mais ou menos cristalizadas das quais emergem traços socioculturais de práticas comunicativas de atores em determinadas situações de interlocução.

A noção de evento de fala de Roman Jakobson foi adotada como uma análise comparativa intermediária de nível mais empiricamente acessível para fazer a ponte entre o social e o local. Eventos, como salienta Hymes, constituem unidades de interação por meio das quais a fala pode ser examinada em relação aos significados linguísticos estabelecidos (Gumperz, 2020, p. 81-82).

O evento de fala, assim, constitui-se de pressões pragmático-discursivas que sobredeterminam os significados linguísticos provenientes de situações de comunicação específicas. Algumas dessas situações, em decorrência de repetições social e culturalmente marcadas, prototipificam etiquetas interacionais que orientam os eventos de fala.

A entrevista, evento com o qual este escrito trabalha, é, justamente, um modelo de fala institucional com um padrão organizacional e uma estrutura interacional relativamente estáveis.

A ORGANIZAÇÃO DA FALA-EM-INTERAÇÃO INSTITUCIONAL

A etiqueta interacional é compreendida pelo conjunto de normas com as quais os falantes lidam tacitamente na interação. Elas são de base linguístico-discursiva, estabelecidas por determinados falantes e em determinados contextos socio-históricos. Por meio delas, a interação é regida por informações culturais e sociocontratuais que “podem ser mais prontamente obtidas, em vez de serem construídas a partir de noções generalizadas que, em sua própria natureza, são noções deslocadas da fala” (Gumperz, 2020, p. 82). Portanto, diferentes tipos de evento de fala vão demandar diferentes padrões interativo-comportamentais.

Em se tratando do evento de fala entrevista, há diferentes mecanismos sociocontratuais intrínsecos que o configuram, desde a sua sistemática organizacional até seus constituintes interacionais. Esses aspectos, pelos quais os eventos se orientam, são mais/menos formal ou informal, monitorado ou não monitorado linguisticamente, assim como, em certos casos, roteirizados ou não roteirizados, tal como as entrevistas.

Os trechos transcritos³ são característicos da interação institucional, pois “a identidade institucional ou profissional dos participantes de alguma forma se faz relevante para as atividades de trabalho nas quais estão engajados” (Drew; Heritage, 1992, p. 4 *apud* Garcez, 2002, p. 57). Em ambos, na reportagem nacional do programa “Fantástico” e no registro internacional do programa “60 minutes”, os repórteres estão engajados em suas respectivas interações, com objetivos comunicativos específicos, entre os quais está o de fazer-saber, cujo propósito recobre a instância cidadã.

A entrevista também se apresenta como fala institucional, devido à sua composição interacional. Nesse evento, a fala é mais monitorada em relação ao nível linguístico (quanto aos programas mencionados, de modo mais formal) e à sua

³ Ressalta-se, em princípio, que a fala-em-interação de uma das entrevistas trabalhadas neste escrito (entrevista de João de Deus em programa de televisão australiano) – embora seja transcultural (repórter australiano – médium brasileiro) – não apresenta ruídos quanto à interpretação dos atos de comunicação.

distribuição de turnos, “fala-um-de-cada-vez” (Sacks, Schegloff e Jefferson, [1974] 2003). A partir, portanto, de esquemas de conhecimento (Tannen; Wallat, 2013) – que possibilitam que os falantes compartilhem expectativas quanto aos domínios informacionais e aos saberes metainteracionais –, os participantes realizam seus atos comunicativos.

Outro componente importante que integra a interação são as pistas de contextualização. Elas se definem por indícios que são monitorados simultaneamente:

Quando conversam com outras pessoas, os falantes sempre monitoram o relacionamento mútuo na interação, que envolve não só o uso de palavras em seus sentidos literais, mas a produção, a recepção e a interpretação de outros indícios identificáveis, que são sistematicamente utilizados para o preenchimento de concepções funcionais na interação. Estes indícios são as pistas de contextualização (Gumperz, [1982] 2002), que devem ser de conhecimento dos participantes para que se configurem como sinalizadores conjecturais (Souza; Bastos; Pereira, 2015, p. 495-496).

As pistas realizam-se, assim, por indícios que sinalizam aos participantes, de modo mútuo, como a mensagem deve ser interpretada. “Em outras palavras, o falante, ao realizar uma atividade de fala, sinaliza pistas contextuais a partir das quais ele pretende que o interlocutor interprete aquela atividade” (Souza; Bastos; Pereira, 2015, p. 496). As pistas sinalizam, na interação, o estabelecimento e a negociação de dois mecanismos interacionais relacionáveis. Eles dizem respeito à situação de comunicação e ao alinhamento dos falantes: o enquadre e o *footing* assumidos por eles na interação.

ENQUADRE E *FOOTING*

Quando se comunicam, os falantes produzem e recebem pistas de contextualização pelas quais as mensagens são interpretadas e consideradas. Nesse sentido, o enquadre interativo e o *footing* assumidos pelos falantes constituem-se como elementos interativo-comportamentais fundamentais exercidos em determinados eventos de fala.

A noção de enquadre formulada por Gregory Bateson, cujo desdobramento se estende ao desenvolvimento do conceito de *footing* (Goffman [1979], 2013), compreende uma metamensagem contida nos enunciados de interação face a face:

em outras palavras, o enquadre formula a metamsagem a partir da qual situamos o sentido implícito da mensagem enquanto ação. Goffman afirma que, em qualquer encontro face a face, os participantes estão permanentemente propondo ou mantendo enquadres que organizam o discurso e os orientam com relação à situação interacional (Goffman, 2013, p. 107).

A partir dos enquadres, os participantes guiam seus atos de comunicação de modo a: (i) manter a proposta interativa de seu interlocutor ou (ii) rejeitá-la, rompendo ou propondo um novo enquadre interativo. Em ambos os casos, os participantes se valem de produção e recepção de pistas de contextualização que constituem o enquadre aceito ou rejeitado na interação comunicativa. Por reforço de esquemas de conhecimento metainteracionais, os atores “Indagam sempre ‘onde, quando e como se situa esta interação?’, em outras palavras, ‘O que está acontecendo aqui agora?’ (Goffman, 2013, p. 107).

Desse modo, o jogo interativo que rege a troca face a face se estrutura de forma dinâmica, com propostas de enquadres interativos que se arranjam e desarranjam de acordo com os atos e objetivos comunicativos dos participantes. As metamsagens contidas nos enquadres balizam a interpretação das interações, levando os participantes a colocarem em ação esquemas de conhecimento metainteracionais e a questionarem “que jogo está sendo jogado aqui e agora?” (Tannen; Wallat, 2013).

Se por um lado pergunta-se, na dinâmica interacional dos enquadres, “que jogo está sendo jogado”; por outro, “como jogamos o jogo” orienta o conceito de *footing* que “representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do ‘eu’ de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção” (Goffman, 2013, p. 107).

Os enquadres e os *footing* são relacionáveis, pois estes correspondem ao alinhamento dos participantes e aqueles, à adequação, à aderência ou à rejeição à interação em proposta. Quando um enquadre é proposto por um participante a outro, um alinhamento também o é. Ou seja, espera-se que o interlocutor assumo o *footing* solicitado para determinado enquadre em acontecimento interativo.

A não aderência ao alinhamento proposto pode ocasionar a mudança de enquadre interativo. Assim, é sustentado por Goffman (2013) que, quando o enquadre é rejeitado, o alinhamento requerido não foi aceito pelo interlocutor, pois

uma mudança de *footing* implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós e para os outros presentes, expressa na maneira como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução. Uma mudança de *footing* é um outro modo de falar de uma mudança em nosso enquadre dos eventos (Goffman, 2013, p. 113, grifo nosso).

Os enquadres são propostas interativas nas quais as metamensagens particularizam a interpretação das mensagens face a face. Se o *footing* de determinado falante se alinha ao enquadre proposto, a interação tende a ser bem sucedida em termos de continuidade do evento. Contudo, quando o alinhamento requerido é rejeitado, o resultado é a mudança no enquadre proposto.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, tenciona examinar os efeitos de sentido da interação de sujeitos contextualizados em um acontecimento discursivo de grande escala social (nacional e internacional), cuja temática envolve crimes diversos, em especial, casos de abusos sexuais revestidos de práticas de cura pelo médium brasileiro João de Deus.

O *corpus* selecionado é composto de dois trechos transcritos de duas reportagens distintas, que foram reunidas em um mesmo vídeo do canal do *Youtube* intitulado “Vídeos da Década de 2010”. A (i) trata-se da interação em entrevista de uma das vítimas do médium no programa de televisão brasileiro “Fantástico”; e a (ii), da interação em entrevista de João de Deus no programa australiano “60 minutes”.

A partir do escopo da Sociolinguística Interacional, analisam-se trechos de fala-em-interação, observando como as mudanças de enquadre e *footing*, na coconstrução do evento, compõem a sistemática interacional das entrevistas sobre as acusações de abusos sexuais cometidos por João de Deus antes de sua efetiva condenação.

FALA-EM-INTERAÇÃO INSTITUCIONAL NAS ENTREVISTAS

Conforme dispostas acima, as características da fala institucional correspondem a maior grau de monitoramento e planejamento em relação à fala cotidiana. Os trechos propostos para análise interacional abaixo se orientam, de modo a investigar as mudanças

de enquadre e *footing*, a partir de duas entrevistas dos programas “Fantástico” e “60 minutes”.

O programa de reportagem “Fantástico” é transmitido pela Rede Globo no Brasil. No ar desde 1973, ele reúne jornalismo, denúncia, esporte, humor, música, dramaturgia e ciência. Em cada momento do programa, um enquadre é proposto – o que o torna bem variado quanto à sua programação.

O primeiro trecho proposto abaixo foi transmitido pelo programa em 2008. Trata-se de uma entrevista que ocorre durante a reportagem sobre os crimes de abusos sexuais cometidos por João de Deus. A fala descrita apresenta a interação da entrevistadora do programa, com uma das vítimas do médium (Camila, que foi abusada, na época, com 16 anos de idade), acompanhada de Augustinho (pai da vítima).

Tabela 1: Reportagem 1 (trecho: 1.09) – Uma das vítimas de João de Deus, em entrevista exibida no Brasil pelo programa Fantástico.

01	Camila	,falou comigo que eu ia ser curada,
02		,que era pra eu rezar,
03		,Eu fiz isso,
04		e ele ((João de Deus)) começou a passar a mão em mim.
05		passou a mão no meu pe:ito na minha vagina no meu bumbu:m.
06		eu nu/
07		,eu tava confusa sabe,
08		,eu num tava entendendo,
09		eu chorava mu:ito.
10		e ele ((João de Deus)) falou assim “calma isso faz parte do tratamento” “isso faz parte da cura”
11	Augustinho	nela chorar eu pensava que ela tava recebendo uma cu:ra
12		,eu nunca podia imaginar que tava na mão de um bandido,
13	Camila	quando ele pegou minha mão e colocou nele (0.4)
14		,eu vi que tinha alguma coisa errada,
15		por que que ele tava fazendo aquilo eu não sabia.
16	Entrevistadora	,ele pegou tua mão e colocou onde nele,
17	Camila	,no pênis dele no órgão dele,
18	Entrevistadora	,seu pai tava a quantos metros de distância,
19	Camila	>pouco< (INC) >tava perto muito perto.
20	Augustinho	,do meu lado e eu não pude fazer nada

Fonte: Autor

Camila Correia Ribeiro e seu pai foram à Casa (local onde se realizavam as curas), em busca de ajuda devido à síndrome do pânico que ela sofria. Na época, Camila tinha 16 anos de idade. Quanto à entrevista descrita acima, todos os participantes da interação apresentam conhecimento quanto à etiqueta interacional demandada pelo evento de fala. Isso pois, pela distribuição de turnos, os falantes aderem à organização “fala-um-de-cada-vez” (Sacks, Schegloff e Jefferson, [1974] 2003), resultando na ausência de falas sobrepostas.

O enquadre proposto é o de entrevista, portanto, os *footing* assumidos pelos participantes são de “entrevistador” e “entrevistado”. É possível observar que – embora o enquadre proposto demande um *footing* mais linear, racional e objetivo – o tema, por ser muito sensível, apresenta um duplo *footing* de Camila: o de “entrevistada” e o de “vítima” (por sua condição frente ao ocorrido). Em termos de alinhamento para “entrevistada”, a organização interacional e a obediência à etiqueta interativa demonstram a simetria entre enquadre proposto (entrevista) e o *footing*, conseqüentemente, requerido (entrevistada).

Contudo, é possível observar, por meio de algumas pistas interacionais – nas linhas (05) e (09), com os alongamentos de som; na linha (06), com a autointerrupção e na linha (13), com o tempo de silêncio – que o *footing* “vítima” é presente junto ao de “entrevistada” no enquadre entrevista proposto. O *footing* vítima pode ser vinculado a essas pistas, pois elas reforçam o efeito dano no significado metainteracional contido na interlocução entre Camila e entrevistadora.

Pela mesma perspectiva, a proposta que solicita a Augustinho o alinhamento de “entrevistado” é aceita. Ele também coopera, adequadamente, na construção da interação, projetando dois *footing* devido ao trauma vivido pela filha: o de “entrevistado” e o de “pai”. Ambos se atravessam na interação.

Ao mesmo tempo em que assume o *footing* de “entrevistado”, na linha (11), Augustinho relata, com certa ênfase pelo alongamento sonoro, que estava convencido de que o estado emocional de sua filha, no momento do abuso, justificava-se devido à cura que ela, supostamente, estava recebendo. Tal como na linha (20), ele transparece a culpa de não ter conseguido proteger a filha dos abusos sofridos, projetando, em ambas as falas, traços do *footing* de “pai”.

Vale salientar que, embora Camila e Augustinho tenham apresentado projeções de “vítima” e “pai”, o *footing* proposto de ambos, o de “entrevistado” pelo enquadre proposto, não prejudicou a interação. O evento de fala se concretiza, cumprindo com a sua função social de informar à instância cidadã. Diferentemente da interação acima, a que se segue apresenta algumas transgressões devido à rejeição às pistas de contextualização propostas.

Este segundo trecho transcrito – da fala-em-interação entre João de Deus, entrevistador e tradutora – também segue as diretrizes da fala institucional, pois se trata do evento entrevista, exibido pelo programa australiano “60 minutes”. Portanto, a sistemática organizacional, como a distribuição de turnos, os enquadres e *footing* propostos, segue demandas semelhantes à entrevista do programa brasileiro “Fantástico”. “60 minutes” está no ar desde 1979, e é uma versão inspirada pelo programa de televisão dos Estados Unidos da América (EUA), cujo título é o mesmo.

Tabela 2: Reportagem 2 (trecho: 6.45) – João de Deus sendo confrontado sobre os abusos sexuais na Austrália, em entrevista exibida pelo programa “60 minutes” do país.

01	entrevistador	,isso é sobre dinheiro ou sobre milagre,
02	João de Deus	((silêncio))
03	entrevistador	,você já abusou sexualmente de alguma de suas seguidoras,
04	João de Deus	((aperta a mão do repórter e sai, abandonando o turno))
05	Tradutora	>já houve algum assédio sexual do senhor
06	João de Deus	DA SUA MÃE

Fonte: Autor

Ao iniciar a entrevista, o repórter australiano primeiro certifica-se se está frente a João de Deus ou a alguma entidade. O médium confirma que é ele mesmo quem está com a palavra. O momento interacional é breve, visto que as perguntas feitas a João de Deus são comprometedoras. O trecho, cuja interação se descreve acima, utiliza-se, durante a entrevista, de narração traduzida para o português nas falas do entrevistador australiano.

Quanto à sistemática organizacional, os participantes, assim como na entrevista da reportagem 1, seguem-na em certa medida. Não há falas sobrepostas ou assalto a turno. Contudo, algumas rejeições a pistas de contextualização acabam transgredindo a interação do evento de fala proposto.

Na entrevista acima, a não cooperação entre os participantes reflete na incompletude/não realização do evento de fala. Embora sejam percebidas passagens consentidas de turno, com a proposta do padrão organizacional “fala-um-de-cada-vez” (Sacks, Schegloff e Jefferson, [1974] 2003), a coconstrução é rejeitada por parte de um dos atores.

João de Deus não coopera quanto à aceitação das pistas, ferindo, portanto, os enquadres e *footing* propostos no evento de fala. Embora o entrevistador faça passagens consentidas a João de Deus, o esquema de conhecimento, eleito para pauta interacional por parte do repórter (a monetização das curas), gera silêncio interturnos linha (2). Essas rejeições causam ruído no desenvolvimento do ato interacional.

Em seguida, o repórter australiano menciona um relato de abuso sexual registrado por uma vítima em um centro de cura no Arizona (EUA). Uma mulher colombiana, não identificada na matéria da reportagem, relata que o médium, durante o ritual de cura, pegou as mãos dela e as passou em seu pênis. Em seguida, também tentou baixar sua saia. Então, mais uma pergunta, dessa vez acerca dos abusos sexuais, é feita. A partir desse momento, João de Deus rompe com o enquadre entrevista e com o *footing* “entrevistado” a ele proposto, levantando, cumprimentando o repórter e indo embora.

A tradutora de João de Deus se recusa a traduzir a pergunta, contudo o médium compreende e abandona o turno de fala, saindo do local para não responder. Nesse momento, a tradutora da equipe australiana vai atrás do médium e insiste na pergunta anterior, desta vez, feita diretamente em língua portuguesa: “>já houve algum assédio sexual do senhor” linha (5). Logo em seguida, o médium responde “DA SUA MÃE” linha (6), assumindo um *footing* de “agressor”, em transgressão ao enquadre de entrevista proposto.

Em ambos os trechos (reportagens 1 e 2), os eventos de fala, nos quais os participantes se inserem, é a entrevista – marcada pela sistemática da fala institucional. Contudo, é possível perceber que a cooperação entre os falantes é crucial para que o evento se realize. No trecho 1, as pistas de contextualização são mais bem aceitas em relação ao trecho 2 e, embora se atravessem *footing* diferentes em ambos os trechos, a rejeição implica ruído na interação somente no 2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste escrito, foi proposta a investigação da fala-em-interação da acusação da vítima e da réplica do abusador, a partir de dois trechos transcritos de duas entrevistas distintas: (i) interação em entrevista de uma das vítimas do médium no programa brasileiro “Fantástico” e (ii) interação em entrevista de João de Deus no programa australiano “60 minutes”.

De acordo com a descrição e a análise da administração da interação (sistema de ordenação de fala, distribuição de turno), pôde-se considerar que processos como enquadre e *footing* tornam-se indispensáveis na coconstrução do evento interacional que os participantes se propõem a realizar.

A partir da sistemática organizacional das entrevistas e das pistas de contextualização, a concomitância entre mais de um *footing* requerido pelo enquadre proposto produziu empecilho interativo apenas em um dos eventos de fala (entrevista da reportagem 2). A mudança de *footing* de João de Deus para um alinhamento de “agressor” linha (6) também propõe a mudança de enquadre para “briga/discussão”, porém a tradutora não se alinha ao novo enquadre proposto.

Enquadre e *footing*, portanto, são processos da interação que estão intimamente associados, de modo que (retomando a citação) “uma mudança em nosso *footing* é um outro modo de falar de uma mudança em nosso enquadre dos eventos” (Goffman, 2013, p.113). Contudo, tais mudanças precisam ser gerenciadas pela coconstrução, pois, quando não ocorre engajamento por parte dos atores na construção do evento – como na entrevista de João de Deus –, o ato interacional, orientado por determinada proposta de enquadre interativo, é impedido de ser efetivado.

REFERÊNCIAS

GOFFMAN, Erving. Footing. 1979. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. *Sociolinguística Interacional*. 2a ed. São Paulo: Loyola, 2013. p.107-148.

GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. Trad. José Luiz Meurer e Viviane Heberle. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.) *Sociolinguística Interacional*. 2.ed. São Paulo: Loyola. 2002. p.149-182.

GUMPERZ, John. Sobre o Método Sociolinguístico Interacional. In: FABRÍCIO, Branca Falabella. *Sociolinguística Interacional: perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. p. 79-104.

HYMES, Dell. Studying the interaction of language and social life. In: HYMES, Dell. *Foundations in Sociolinguistics: an ethnographic approach*. Oxon: Tavistock, 2010 [1974]. p. 29-66.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. 2013. *Sociolinguística Interacional*. 2a ed. São Paulo. Loyola.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. “Sistemática Elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa”. *Veredas*, V. 7, N. 1-2, 2003. Trad. de SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. *Language*, V. 50, 1974.

SOUZA, Marco Aurélio Silva, BASTOS, Liliana Cabral e PEREIRA, Maria das Graças. A fala-em-interação institucional de repórteres aéreos e locutores de rádio do Rio de Janeiro. *Revista Alpha*, 2015, p. 52-68.

TANNEN, Deborah. WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. In: RIBEIRO, Branca T. GARCEZ, Pedro M. (Orgs). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2013.

ANEXO

Convenções de transcrição

Processo/ fenômeno	Convenção adotada
Fala sobreposta	[colchete
Pausa em décimos de segundo	(0.5)
Micropausa de menos de 2 décimos de segundo	(.)
Contiguidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos	=
Descida de entoação	.
Subida de entoação	?
Entoação contínua	,
Alongamento de som	:
Auto-interrupção	/
Acento ou ênfase de volume	MAIÚSCULA

Trecho falado mais baixo	°palavras
Fala comprimida ou acelerada	>palavras<
Desaceleração da fala	<palavras>
Início acelerado	>palavras
Início desacelerado	<palavras
Fala reportada	“palavras”
Aspirações audíveis	Hhh
Aspirações durante a fala	(h)
Comentários do analista	((comentário))
Transcrição duvidosa	{palavras}
Transcrição impossível	(INC) (=incompreensível)

Fonte: Autor

Recebido em: 12/03/2024

Aceito em: 24/08/2024

Jean Ignacio Lima: Doutorando em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLEV - UFRJ). Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLIN - UFRJ). Graduado em Letras pela Universidade do Grande Rio, com especialização em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Tem experiência e interesse na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria semiolinguística do discurso, argumentação, enunciação, semântica e pragmática. Foi bolsista CNPq no mestrado e bolsista CAPES no doutorado. Atualmente, é pesquisador do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV - UFRJ), associado à linha de pesquisa: texto e discurso, pragmática e semântica do Português. É membro do Círculo Interdisciplinar de Análise do Discurso (CIAD-Rio - UFRJ) e é professor de Língua Portuguesa na SME de Rio Claro - RJ.